

**RESUMO**

A virada digital na história reformulou nossa documentação, transformou as ferramentas usadas para armazenar, tratar e acessar a informação, e, por vezes, adiantou novas questões epistemológicas juntamente com novas ferramentas criadas para responder por elas. Ainda assim, no momento, não há uma metodologia sistemática desenvolvida para abordar de forma crítica essas ferramentas digitais, analisar o deslocamento dos “*big data*” e compreender a nova capacidade pública para todos trabalharem com o passado. Todas essas transformações afetam profundamente o relacionamento entre os historiadores e seu público, suas abordagens visando novas fontes digitais e, finalmente, o registro escrito da história. A perturbadora virada digital questiona a profissão de historiador globalmente, e levanta as incertezas acerca do futuro da historiografia tradicional e as narrativas sobre o passado para diferentes públicos. As narrativas da história digital (pública) requerem que os métodos e códigos profissionais sejam reescritos e reinterpretados e novas práticas sobre o passado sejam dominadas na era digital. O mundo digital condicionou profundamente a presença do passado em nossas sociedades e favoreceu novas percepções do público para a passagem do tempo na história e a presença de lembranças. O domínio digital permite a criação de novas interconexões entre o passado, nosso presente e nosso futuro.

ABSTRACT

The Digital Turn in history has reformulated our documentation processes, transformed the ways we archive, treat and access information and has sometimes anticipated new epistemological questions together with new tools created to respond to them. Yet there is still no systematic methodology developed to critically approach these new digital tools, to analyze the transit of “*big data*” and understand the new public capacity to deal with the past. All this change deeply affects the relationship between historians and their public, their approaches to new digital sources and, finally, the written recording of history. This disturbing digital turn questions professional historians globally and raises uncertainties as to the future of traditional historiography and narratives of the past for diverse publics. The narratives of (public) digital history require that professional methods and codes be rewritten and reinterpreted and that new practices be mastered. The digital world has deeply influenced the presence of the past in our societies and favours new public perceptions of the passage of time in history as well as the presence of memories. The digital domain allows for the creation of new interconnections between the past, our present, and our future. Thus we might ask ourselves if, given the public dissemination of new interactive digital technologies, we must deeply review the current relationship with the past, our

* Doutor em História e Civilização pelo Instituto Universitário Europeu de Florença. Presidente da Federação Internacional de História Pública. Especialista em História da Informação no Instituto Universitário Europeu. Endereço: Badia Fiesolana, via dei Roccettini 9, 50014, San Domenico di Fiesole, Florença, FI, Itália. Telefone: (39) 0554685-348. E-mail: serge.noiret@eui.eu

Portanto, podemos nos perguntar se, à luz da disseminação pública das novas tecnologias digitais interativas, necessitamos rever em profundidade o relacionamento desenvolvido hoje em dia com o passado, nossa memória e nossa história. Mudanças metodológicas no ofício de historiadores são de tal ordem que devíamos dedicar mais tempo a elas, analisar o que a história digital (pública) ou história por meios digitais representa atualmente no século XXI para a história acadêmica e as profissões relacionadas à história pública.

Palavras-chave: História Pública; História Digital; Memória; Humanidades Digitais; Web.

memory and our history. Methodological changes in historians' craft are such that we should dedicate more time to them and analyze what (public) digital history, or history in digital media, now means for academic history and related professions.

Keywords: Public History; Digital History; Memory; Digital Humanities, The Web.

HISTÓRIA DIGITAL OU HISTÓRIA POR MEIOS DIGITAIS?

A história digital remodelou a documentação do historiador e os instrumentos usados para seu acesso, para armazená-la e tratá-la, sem que, todavia o uso crítico desses instrumentos – que não são assépticos na relação entre o historiador e as fontes digitais –, fossem devidamente questionados pelos historiadores, sobretudo em ambientes acadêmicos. Internacionalmente, o “terremoto” da “virada digital” suscitou muitas interrogações na profissão, confrontada globalmente com as incertezas acerca do futuro de uma historiografia e das várias formas de narrações do passado em formato digital, entre inquietude e rejeição. A história digital requer reescrever e reinterpretar os métodos profissionais e dominar as novas práticas digitalizadas (CLAVERT; NOIRET, 2013). As mudanças quanto às práticas profissionais dos historiadores são de tal ordem – falou-se até de um novo historicismo – (FICKERS, 2012) que devemos nos interrogar sobre qual o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado e sobre os tempos históricos (HARTOG, 2012; NORA, 2011).¹ Podemos nos perguntar, à luz da difusão pública das tecnologias, se não é o caso de rever em profundidade até mesmo a relação que temos com o passado, a memória e a história no presente (JOUTARD, 2013).

Nem todos continuam de acordo com o sociólogo Michel Wieviorka, na França, que fala de um “imperativo digital” (WIEVIORKA, 2013) para as ciências sociais nos dias de hoje, ou com o historiador americano Anthony Grafton (2014), que admite que a história deve ser digital ou não existirá.² Com efeito, as práticas dos historiadores obrigados a dominar – e mesmo forjar – a tecnologia, teriam como resultado criar confusão e atemorizar a profissão inteira, em confronto com a “virada digital”.

1 Pierre Nora, entrevistado acerca do significado dos “lieux de mémoire” insistia na necessidade dos historiadores de darem sentido e vida “no presente” aos traços da memória coletiva da nação” (NORA, 2011, p. 446-447).

2 O futuro da profissão passa pelo digital como anunciava Anthony Grafton durante o Congresso Anual da American Historical Association, em janeiro de 2014, em Washington. Escutar os minutos 3.28’ a 4.26’ de *The future of history books* (GRAFTON, 2014).

Há dificuldades objetivas para gerir as tecnologias digitais, a cada dia mais difundidas perante o público, e usadas – com frequência de forma exímia – fora da profissão (NOIRET, 2012). “*Les incertitudes d’une mutation*”, era o que escrevia Rolando Minuti (2002); “*Promises and perils of digital history*”, advertiam Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig na introdução ao seu manual sobre a *digital history* (2005);³ ao passo que, ainda em 2013, o catalão Anaclet Pons escrevia um livro intitulado “*El desorden digital*” (2013), referindo-se à babel de uma documentação digital difícil de dominar, como havia sido descrita por Borges (1971).⁴

Estes estudiosos interpretam a “virada digital” e a “história digital” partindo de uma reflexão sobre as mudanças no ofício de historiador tradicional. A abordagem não é nem otimista nem pessimista, mas sim a de quem quer entender as mutações tecnológicas à luz de um positivismo crítico – Cohen e Rosenzweig falam de “tecnorrealismo” (2006) – não submetido à tecnologia propriamente dita, mas certamente interessado por ela. Toni Weller, em seu livro *History in the digital age* (2012),⁵ ensina que nem todos os historiadores que utilizam o computador e os recursos digitais são “historiadores digitais”. Ele dá como evidência o impacto da revolução tecnológica aplicada às práticas anteriores dos historiadores, e em continuidade com suas tradições profissionais.⁶

Em sintonia com estas deduções de Weller, os resultados de uma importante pesquisa americana sobre as práticas de historiografia digitalizada salientam que:

[...] the underlying research methods of many historians remain fairly recognizable even with the introduction of new tools and technologies, but the day to day research practices of all historians have changed fundamentally (RUTNER; SCHONFELD, 2012).

Também do mesmo parecer, a versão em português do manifesto sobre as humanidades digitais, em seus três primeiros pontos, declara que “a opção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos” (DACOS, 2011) e que:

Para nós, as humanidades digitais referem-se ao conjunto das ciências humanas e sociais, às artes e às letras [...] não negam o

3 Ver também: Rosenzweig (2011).

4 Sobre a incapacidade de encontrar uma resposta na “babel” da informação, atualmente na *web*, tema examinado por Borges em 1941, ver o ensaio de C. ROLLASON (2004), republicado em: <http://www.themodernword.com/borges/borges_papers_rollason2.html>. Acesso em 20 mar. 2015.

5 Weller distingue entre “those historians who were professionally engaged in digital tools and technologies in their work [...] and those who did not consider the subject within their remit at all, despite regularly using email, distribution lists, digitized newspapers or images and many other online resources” (WELLER, 2012, p. 2).

6 A mesma abordagem cautelosa acerca do impacto das novas tecnologias está presente na Itália, em algumas reflexões recentes sobre o significado da história digital. O grupo de jovens estudiosos que dirigem o periódico *Diacronie* adota essa visão cautelosa no fascículo editado por Elisa Grandi, Deborah Paci e Émilien Ruiz (2012). A mesma cautela se encontra em um ensaio que introduz o número especial do periódico histórico BMGN no Benelux editado por Gerben Zaagsma (2013). Enquanto David J. Staley, em *Computers, visualization, and history: how new technology will transform our Understanding of the past* (2013), fala da possibilidade de visualizar a história por meio do computador, como um outro instrumento que se acrescenta àqueles já dominados há séculos pelos historiadores, tais como a escrita. Sobre esses temas de visualização do passado, ver as conclusões de Hugues (2008).

passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais (DACOS, 2011).⁷

Este “Manifesto” lançado durante o *The Humanities and Technology Camp* (THATCamp), em Paris (2010), foi novamente discutido um ano depois durante o THATCamp em Florença (2011),⁸ quando humanistas digitais italianos e franceses se confrontaram em um processo de internacionalização da disciplina.⁹ Muitos outros exemplos do “digital” como instrumento de continuidade nas trocas poderiam ser citados aqui. Seja como for que se pense, tornou-se essencial refletir sobre o impacto transdisciplinar das novas práticas que constituem os fundamentos da transdisciplina chamada “Humanidades Digitais” (*Digital Humanities*), com as tradições epistemológicas e filológicas da história. E, de fato, a “cultura histórica digital” é parte de uma “cultura digital” mais vasta que permeia a nossa sociedade por meio da internet e sob várias formas comunicativas.

O conceito sociológico de “cultura digital” provém da obra de Manuel Castells¹⁰ e também dos trabalhos de Willard McCarty (2005), enquanto na Itália, Tito Orlandi (ORLANDI, 1990)¹¹ teorizou até mesmo o nascimento de uma recém-nascida *koinè*, com um novo estatuto disciplinar baseado na elaboração metodológica e científica do conceito precedente de “informática humanística”, no qual se encontram a internet e a comunicação via *web*.¹²

7 O “Manifesto dei digital Humanities”, elaborado por Marin Dacos (2011), e os que assistiram em 2010 ao THATcamp Paris, foi apresentado e aprovado também no primeiro THATCamp italiano, THATCamp Florença, no Instituto Universitario Europeu, pelos que pontificam no mundo da humanística digital italiana. As propostas do manifesto são propositalmente genéricas para identificar um momento de passagem e de transformação, e não ligar o conteúdo do manifesto a uma só cultura, um só país ou a poucos grupos de pessoas com ideias inovadoras. Consultar Dacos (2011), publicado em italiano depois do THATCamp Florence, em março de 2011. A versão em português aqui citada é: “Manifesto das digital humanities”. Disponível em: <<http://tcp.hypotheses.org/497>>.

8 23º THATcamp Florence, 26 de março de 2011. Disponível em: <<http://florence2011.thatcamp.org>>.

9 A Associazione per l'Informatica Umanistica e la Cultura Digitale (Disponível em: <<http://www2.umanisticadigitale.it/>>.) aderiu à European Association for Digital Humanities (EADH), (Disponível em: <<http://eadh.org>>.), uma das componentes da Alliance of Digital Humanities Organizations (ADHO) (Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/>>.), que agrupa as associações internacionais de humanidades digitais. Por motivo de diversificação linguística e cultural, foi fundada durante o THATCamp Saint-Malo, na França, em 2013 (Disponível em: <<http://thatcamp35.hypotheses.org>>.), uma associação francófona de humanidades digitais: a *Humanistica*, com sede no Canadá (Disponível em: <<http://www.humanisti.ca>>.). O campo encontra-se atualmente em plena expansão organizacional e associativa no mundo inteiro.

10 Sobre as profundas mudanças culturais, sociais e econômicas, em curso em nossa sociedade com a chegada da internet, consultar Castells (2001, 2002).

11 Para uma bibliografia dos escritos de Orlandi procurar sua página pessoal na web, *Pubblicazioni relative all'informatica umanistica* (Disponível em: <<http://rmcisadu.let.uniroma1.it/~orlandi/pubinf.html>>.); além da bibliografia contida em Perilli e Fiorimonte (2011).

12 A nova disciplina deveria ser inserida na Área 10: *Scienze dell'antichità, filologico-letterarie e storico-artistiche*; e na Área 11: *Scienze storiche, filosofiche, pedagogiche e psicologiche* (RONCAGLIA, 2002). Ver também o manifesto *Proposta di costituzione del settore scientifico-disciplinare: Informatica applicata*

HISTÓRIA DIGITAL, NÃO APENAS “HUMANIDADES DIGITAIS”

Devem ser valorizadas as peculiaridades disciplinares da história digital e as práticas digitais do historiador: a pesquisa de diferentes fontes e as diversas tramas narrativas da *web*. Se for verdade que as humanidades digitais oferecem metodologia e práticas comuns às ciências que compõem a área de humanas,¹³ é verdade também que esses conceitos e práticas são, em grande parte, elaborados tais quais disciplinas únicas (RYGIEL, 2010, p. 193), e especificamente como a história digital que se propõe a visualizar a história e construir narrativas não apenas e essencialmente baseadas no texto.

Isso ocorre no que se refere às diversas tradições científicas que descobrem, posteriormente, na “*république du virtuel*”, um universalismo que supera as divisões entre ciências humanísticas, para forjar novas práticas *transdisciplinares* e instrumentos e linguagens usados em todas as disciplinas das humanidades. Como exemplo, são empregados protocolos abertos e compatíveis nos sites da rede como os *standards* de marcação de documentos,¹⁴ os metadados descritivos (por exemplo, o Dublin Core Project)¹⁵ ou os programas e produtos *open source*,¹⁶ como Zotero,¹⁷ que favorecem projetos colaborativos. Os bancos de dados, as bibliotecas digitais e os *open archives* agora são compatíveis entre si¹⁸ através da interoperabilidade de seus dados, os assim chamados *linked open data* do OAI-PMH (Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting).¹⁹ Em seu *blog*, Stephen Robertson cita duas diferenças essenciais entre as humanidades digitais e a história digital:

first, the collection, presentation, and dissemination of material online is a more central part of digital history. [...] Second, in regards to digital analysis, digital history has seen more work in the area of digital mapping than has digital literary studies, where text mining and topic modeling are the predominant practices (ROBERTSON, 2014).

Quase todas as problemáticas tradicionais do ofício de historiador, da delimitação de uma hipótese de pesquisa à descoberta, ao acesso e à gestão dos documentos e das fontes, até conseguir os fundamentos narrativos e, sobretudo, até a comunicação da história e dos resultados de pesquisa, e, finalmente, o ensino da história, passam

alle discipline umanistiche (ovvero: Informatica umanistica) [Disponível em: <<http://roncaglia.homeip.net/infum/proposta/>>.]; e o manual de Teresa Numerico e Arturo Vespignani, intitulado *Informatica per le scienze umanistiche* (2003).

13 O primeiro manual (2004) acessível desde 2007 gratuitamente na rede é de Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, intitulado *A companion to digital humanities* (2004). Ver também Clare Warwick (2012); Matthew K. Gold (2012); Melissa Terras, Julianne Nyhan e Edward Vanhoute (2013). Sobre as práticas dos historiadores depois da “virada digital”, ver Noiret (2011a).

14 Text Encoding Initiative (TEI). Disponível em: <<http://www.tei-c.org/index.xml>>.

15 Dublin Core Metadata Initiative (DCMI). Disponível em: <<http://dublincore.org/>>.

16 Open Source Initiative (OSI) é um projeto para tornar acessível a decodificação dos programas e bancos de dados para todos. Disponível em: <<http://www.opensource.org/>>.

17 Zotero. Disponível em: <<http://www.zotero.org/>>.

18 Open Archives Initiative (OAI). Disponível em: <<http://www.openarchives.org/>>.

19 Open Archives Initiative. Protocol for Metadata Harvesting. Disponível em: <<http://www.openarchives.org/pmh/>>.

agora em parte ou no todo, pela tela do computador. Essas práticas se aninham no interior da rede. A história digital poderia assim ser definida como

todo o complexo universo de produções e trocas sociais tendo por objeto o conhecimento histórico, transferido e/ou diretamente gerado e experimentado em ambientação digital (pesquisa, organização, relações, difusão, uso público e privado, fontes, livros, didática, desempenho e assim por diante) (MONINA, 2013).

No entanto, quando se pensa em cálculo estatístico, geolocalização, gestão dos *big data*, uma enorme quantidade de dados e fontes digitais disponíveis que permitem práticas transversais de *text-mining* internamente (MAYER-SCHÖNBERGER; CUKIER, 2013; BOYD; CRAWFORD, 2012; CRAWFORD, 2013)²⁰ – Peter Haber falava mesmo de um processo de “datificação”²¹ –, em programas que interrogam as imagens diretamente sobre seus pixels, em história com mapas etc., a história digital, enquanto campo específico dentro da “transdisciplina” das humanidades digitais, não é feita apenas pela utilização de novas ferramentas digitais que facilitam as velhas práticas. Trata-se também do desenvolvimento de uma relação estreita com as tecnologias suscetíveis em modificar os próprios parâmetros da pesquisa.

O historiador encontra-se apto a levantar novas questões epistemológicas na análise do passado, depois do advento dos meios digitais. Todavia, apenas uma minoria de “historiadores digitais” domina os instrumentos que respondem às novas interrogações científicas. Menos ainda são os que criam programas originais que permitem novas análises e novas formas de interação com as fontes, e seu tratamento em função de hipóteses de pesquisa facilitadas pela análise computacional (COHEN et al., 2008).

Na Europa, como em outros lugares,²² há hoje em dia muitos historiadores que convivem com o digital, e que não são, digamos, “historiadores digitais” ou “humanistas digitais”.²³ São a própria história (fontes e historiografia) e a memória do passado, que, de fato, tornaram-se digitais, prescindindo de como os historiadores, individualmente e/ou como grupo profissional organizado, relacionam-se atualmente com a “virada digital” (digital turn), as humanidades digitais e a “história (pública) digital”. Ainda que, com frequência, falte um quadro disciplinar institucionalizado para as humanidades digitais, a convivência virtuosa com as tecnologias, por exemplo, na Inglaterra (TERRAS; NYHAN; VANHOUTTE, 2013)²⁴ apresentou recaídas difusas e positivas sobre o ofício de historiador em seu conjunto

20 Enfim, um exemplo do uso da “datificação” na história encontra-se em Eijnatten, Pieters e Verheul (2013).

21 O conceito de “data driven history” é aquele usado por Peter Haber para definir o mundo novo da história digital (HABER, 2011).

22 Ainda que para eles, a revolução digital passe por um novo conhecimento transdisciplinar e pela colaboração entre diversas ciências. Ver Lamassé e Rygiel (2014).

23 É o que ressalta Claudia Favero (2014) em sua pesquisa para saber “What does it mean to be a digital historian in Italy and in the UK?”, baseada, infelizmente, em um número muito restrito de entrevistas qualificadas nos dois países. A autora delimita em sua análise, problemas e contradições dos historiadores que se interrogam acerca de seu trabalho com o digital ou que fazem história digital.

24 Uma crítica da uniformidade cultural das *digital humanities*, uma definição alternativa e uma descrição dos ambientes disciplinares na Europa e em outros lugares são fornecidas por Dacos e Mounier (2014).

até na Europa.²⁵ Certamente é a comunicação pública e uma difusa presença do passado e das memórias de cada um na rede, para os quais frequentemente falta a consciência histórica, que questionam o papel do historiador de profissão em confronto com o mundo digital e, sem dúvida, a história digital concebida conscientemente e como narração é, essencialmente, *digital public history* hoje em dia.

WEB 2.0 E CROWDSOURCING

O alcance das mudanças do ofício de historiador por intermédio do digital é de tal ordem que devemos nos perguntar qual será o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado, e se, ainda com maior profundidade, não devemos rever nossa própria relação com tempos passados e seu declínio em nosso presente, com a memória e com a história. Interrogar-se sobre a presença pública da história permite que nos defrontemos com essas questões cruciais.

São muitos os problemas a considerar quando se fala em “história pública digital” (GALGANO; ARNDT; HYSER, 2013) com o objetivo de se aprofundar o conhecimento relacionado às novas práticas que todos os historiadores de formação – e qualquer um que se interesse por história – desenvolvem com as fontes e os documentos digitais na era da *web 2.0*; que é participativa e, sobretudo, uma era em que todos esses recursos digitais se encontram acessíveis a todos (PATEL, 2011). Do ponto de vista da presença da história na sociedade, a internet, de fato, corroe a férrea distinção que um dia existiu entre a pesquisa acadêmica e as práticas públicas relativas ao passado, oferecendo a muitos o acesso à documentação histórica em rede e à comunicação nas formas de “ego-narrações” referentes ao passado.

Com o advento de uma nova fase na *web*, por volta do ano de 2004 – a sua versão comumente chamada 2.0 (NOIRET, 2012) –, as formas de narração histórica tornaram-se acessíveis a qualquer pessoa capaz de entrar na rede. Além disso, as novas modalidades de escrita na *web*, como o acesso simples aos *blogs*, permitiram uma interação entre o trabalho de quem escreve e o de quem lê, não apenas com intervenções críticas ou sugestões para completar o discurso, mas, ainda, com o acréscimo direto e sem mediação de outras fontes documentais. Os leitores em rede se integraram de forma interativa com a narração histórica já que a *web*, em sua versão 2.0, permitiu, tecnicamente, uma abertura à atividade participativa de todos (COHEN, 2011). A “história digital” (*digital history*), que disciplina a relação entre as tecnologias de rede e a disciplina história, por meio das plataformas sociais e das mídias sociais, contribuiu, assim, para abrir a um público maior, e também de forma participativa, à “alta cultura” e, nos melhores casos, com a mediação de historiadores profissionais, os historiadores públicos (NOIRET, 2014).

25 Apesar disso, a avaliação científica positiva das humanidades digitais, que inclui também o trabalho dos historiadores com o digital, ainda é penalizada em seus aspectos transdisciplinares pela academia italiana. A Associazione per l'Informatica Umanistica e la Cultura Digitale (AIUCD) [Disponível em: <<http://www.umanisticadigitale.it>>.] denunciou no site Roars, por meio do documento “*Osservazioni critiche dell'AIUCD sull'ASN*”, “[...] as graves circunstâncias surgidas com a publicação dos resultados da Habilitação Científica Nacional, que causam risco de comprometer de modo sério e preocupante o futuro da formação e da pesquisa em um setor, o da informática humanística e das *digital humanities*, julgado consensualmente de importância estratégica para a inovação tecnológica e para a conservação do patrimônio cultural” Disponível em: <<http://www.roars.it/online/osservazioni-critiche-dellaiucd-sullasn/>>.

Com o surgimento da *web 2.0*, a história e a memória não se mantiveram mais prerrogativas apenas da comunidade científica acadêmica. Por intermédio das práticas de escrita participativa ou mesmo diretamente, qualquer pessoa pode se dedicar ao passado em rede. O recurso a uma espécie de saber comunitário, à participação pública na rede, que vem sendo comumente chamada *crowdsourcing*,²⁶ sob várias formas e com diversos tipos de conteúdos, trabalho colaborativo e saberes, permitiu a gestão integrada dos conteúdos digitais por parte de quem tenha a possibilidade e o conhecimento para assim proceder.

Nessa segunda fase, mas também naquela da integração semântica dos dados do 3.0, a *web* deve ser compreendida como história “viva” e “pública”, praticada de forma interativa por todos, e não mais limitada à atividade dos historiadores acadêmicos, que registram digitalmente, com frequência em formato fechado, as próprias publicações tradicionais.

Atualmente, uma pesquisa de doutorado pode ser elaborada em tempo real, compartilhada, de modo visível, pedindo a quem estiver apto e quiser interagir que ofereça formas abertas e comunitárias de avaliação; novas formas de *crowdsourcing* do trabalho e do saber. Por exemplo, os cardápios dos restaurantes de Nova York no século XIX podem ser integrados a um banco de dados graças aos usuários da Biblioteca Pública de Nova York (NEW YORK PUBLIC LIBRARY, 2011).

Algumas formas de *crowdsourcing* – como o tratamento coletivo e a coleta sobre plataformas interativas da *web 2.0* de importantes arquivos digitais²⁷ – são aspectos constitutivos da “história pública digital” na era da *web* participativa em que vivemos agora. Melissa Terras, promotora do projeto Transcribe Bentham, definiu o *crowdsourcing* como uma obra comunitária que requer enquadramento científico para valorizar a contribuição de todos.²⁸ Esta demanda por conhecimentos públicos e por mão de obra para completar projetos de história pública é difundida nos mais diversos campos, e com grandes seguimentos de público, se formos pensar, por exemplo, na coleta dos cardápios dos restaurantes nova-iorquinos do século XIX por parte da New York Public Library (NEW YORK PUBLIC LIBRARY, 2011).²⁹

Em vez desse, outros arquivos, como os de Mark Twain³⁰, Edgar Allan Poe,³¹ o que foi concebido relacionado à biblioteca de Herman Melville,³² nos Estados Unidos, o projeto “rousseauonline.org”, na Suíça,³³ e, enfim, o dicionário de Montesquieu, elaborado com a participação de especialistas internacionais,³⁴ provêm do trabalho

26 De *crowd*, “multidão”, e *outsourcing*, “externalização de uma parte das próprias atividades (WIKIPEDIA, 2015).

27 Uma definição aprofundada dos “arquivos inventados” encontra-se em Rosenzweig (2011).

28 Um “community based online cultural heritage project” (TERRAS, 2010); Transcribe Bentham: *a participatory initiative* (UNIVERSITY COLLEGE LONDON, 2010). Ver Caser e Terras (2014).

29 Ver Lascarides e Vershbow (2014).

30 Mark Twain Project Online. Disponível em: <<http://www.marktwainproject.org/>>.

31 E.A. Poe Society of Baltimore. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/>>.

32 Melville's Marginalia Online. Disponível em: <<http://melvillemarginalia.org/>>.

33 Rousseauonline. Disponível em: <<http://www.rousseauonline.ch/about.php>>.

34 A Montesquieu dictionary. Le dictionnaire Montesquieu. Disponível em: <<http://dictionnaire-montesquieu.ens-lyon.fr/fr/accueil/>>.

técnico e científico dos conselhos editoriais, que não recorrem à ajuda externa típica dos procedimentos de *crowdsourcing* na *web 2.0*. Esses últimos projetos são instrumentos da história digital, mas não da história pública digital, seja pelo modo pelo qual foram concebidos, seja pelo que concerne ao público ao qual se dirige.

As problemáticas da história pública levantadas pela construção coletiva de arquivos inventados e pela colaboração em projetos culturais atraem a curiosidade de quem vê a rede como um espaço capaz de favorecer novas práticas coletivas e colaborativas. Construir *corpora* inteiros de obras de importantes escritores como Jeremy Bentham permite usufruir do trabalho de um público que, sem a rede, não poderia concorrer para o desenvolvimento de projetos culturais, permanecendo assim emudecido. Completar com os próprios documentos os arquivos multimídia, como o September 11, arquivado em sua totalidade pela Biblioteca do Congresso em Washington;³⁵ também o da história dos regimes totalitários comunistas do leste europeu antes de 1989, no Parallel Archive;³⁶ e, mais recentemente, a Grande Collecte, empreendida em novembro de 2013 para o centenário da Grande Guerra pela biblioteca digital Europeia para a aquisição em formatos digitais das fontes e testemunhos,³⁷ são atividades tornadas possíveis somente graças à presença ativa do público, que possui conhecimentos e documentos e, sobretudo, às tecnologias que permitem conectá-los com estes projetos digitais. Junto com o September 11, nos Estados Unidos, o Photos Normandie, um arquivo de fotografias do Flickr sobre o desembarque em 1944, é um dos primeiros projetos que pensou em recorrer ao conhecimento do público graças às tecnologias da *web 2.0*; ele não era endereçado à coleta de documentos, mas sim ao conhecimento latente de um público de especialistas interessados no D-Day. Como projeto de história pública digital, Photos Normandie solicitou comentários e sugeriu que fossem enriquecidas e mudadas as descrições até então disponíveis das fotografias mais conhecidas do desembarque, permitindo assim “redocumentar” essas imagens como fontes (PECCATTE; LE QUERREC, 2007; PECCATTE, 2013). O acréscimo de metadados descritivos é o aspecto público desse conhecimento – esparso nessa área, permanecendo até então sem expressão –, que encontrou em *Photos Normandie* formas de avaliação pública inesperadas e rigorosas.

Contudo, um passado que se torna público cria, certamente, para quem faz da história sua profissão, o perigo de ver os especialistas, depositários do método histórico crítico e das formas da consciência histórica, não dominar mais as “mutações” digitais suficientemente, e de ver diminuir a complexidade da pesquisa heurística diante de uma seleção de documentos já conhecidos ou, de qualquer modo, desprovidos de valor inovador para a assim denominada “alta” pesquisa.³⁸

35 September 11 Digital Archive. Disponível em: <<http://911digitalarchive.org>>.

36 Parallel Archive (PA) [Disponível em:< <http://www.parallelarchive.org>].foi desenvolvido pela Open Society Archives (OSA) na Central European University [Disponível em: <<http://www.osaarchivum.org>>]. Ver Deák (2013).

37 La Grande Collecte, uma coleta ainda em exercício no momento em que são escritas estas linhas, visto o sucesso da operação planejada apenas de 9 a 16 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://centenaire.org/fr/la-grande-collecte>>.

38 É o dilema encontrado por um projeto pioneiro de história da Europa na rede, como o *Ena.lu*, o European Navigator do Centre Virtuel de la Connaissance de l'Europe (CVCE), de Luxemburgo, ao escolher integrar algumas fontes digitais no arquivo. Ver a versão arquivada do European Navigator no Internet Archive (2002). Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20020118073855/http://www.ena.lu/>>.

Infelizmente, a ausência de um conhecimento real da rede por parte dos historiadores acadêmicos poderia ter como consequência infausta a possibilidade de não contar com a sua capacidade profissional no que se refere à “filtragem” dos discursos de cada um na rede. Desse modo, teríamos à nossa volta formas de narração do passado elaboradas sem o devido distanciamento ou atenção crítica. As memórias de família, com materiais e fontes primárias descobertas em casa, podem ser hoje facilmente compartilhadas. Novos “genealogistas” podem, assim, escrever a história deles, que, por força das circunstâncias, carece de contextos narrativos e do necessário aprofundamento historiográfico. O passado de cada um na rede não é mais distante e historicizado, mas se torna emoção em um presente contínuo, nivelando os tempos históricos pela atualidade.

Para garantir o devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essas coletas de documentos, “filtrar”, mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais, uma geração de novos historiadores, que podemos chamar “historiadores públicos digitais” (*digital public historians*), tornam-se os profissionais intermediários necessários para enquadrar cientificamente o trabalho de coleta de documentos e gerir criticamente novos arquivos “inventados” – que não existiam, isto é, fisicamente –, trazidos para a rede graças às contribuições de todos.

MEDIAR COM A HISTÓRIA DE CADA UM

Só cinco anos depois do nascimento da *web* e poucos meses depois de sua difusão nas universidades do mundo inteiro, em 1998, os dois historiadores americanos Roy Rosenzweig e David Thelen se perguntaram sobre a presença do passado na sociedade americana (ROSENZWEIG; THELEN, 1998). Os resultados mais importantes e eloquentes de sua enquete nos iluminam ainda hoje sobre os modos de comunicação da história e das fontes do passado por intermédio da rede. Essas indicavam uma nítida preferência do público americano por uma história sem mediadores e, querendo precisar ainda melhor, de uma história sem os historiadores acadêmicos como mediadores, para se aproximar do passado. O público americano – mas também o australiano e o canadense (depois de enquetes semelhantes feitas naqueles países sobre as formas da presença pública do passado e da história)³⁹ – preferia descobrir o passado por meio das instituições culturais da história pública, como os museus e os parques históricos (MERINGOLO, 2012), e conhecer o passado por meio da experiência direta com seus traços, sem historiadores profissionais como mediadores.

O encontro “direto” com a história nas comunidades locais acontece hoje também na rede. As atividades de “história pública digital” nos sites interativos da *web* de nova geração 2.0 favorecem um encontro “face a face” com a história e as suas fontes. Nas exposições, nos museus e nos lugares “físicos” da memória, essas não se tornam interpretáveis para o grande público somente pela mediação dos historiadores públicos, mas também pela própria rede, que interage diretamente com os

39 Ver Ashton e Hamilton (2010) e, sobretudo, o resultado de um projeto plurianual de pesquisa dirigido por Jocelyn Letourneau para medir a importância da história na definição da identidade do Canadá junto à visão que os canadenses têm de seu passado (LETOURNEAU, 2013).

usuários.⁴⁰ A análise de Rosenzweig e Thelen sobre como precisava ser gerida a mediação com a história americana evidenciava o que teria acontecido com o advento da *web 2.0* e com as plataformas digitais interativas. Entre os resultados surpreendentes de sua investigação, eles haviam descoberto que o público preferia fazer por si mesmo, contando a “sua” história (COHEN et al., 2008). Já em 1997-1998, desse modo, manifestavam-se as potencialidades “narcisísticas” da *web*; além da vontade de participação popular na construção da memória coletiva e nos discursos de história por meio do digital. Uma história centrada na experiência individual e comunitária, que tentava projetar o local no global (NOIRET, 2011b).

Certamente partiram dessa pesquisa as sucessivas reflexões de Rosenzweig sobre o fato de que todos podiam se tornar “historiadores” na rede,⁴¹ hipótese confirmada também por uma pesquisa italiana (CRISCIONE, 2004). Pierre Nora, em suas reflexões posteriores à difusão da série de livros sobre *Lugares de memória* na França, escrevia a mesma coisa. Na França ainda agora não se fala de “historiadores públicos” como mediadores; entretanto, Nora exercia pressão a fim de que os historiadores tomassem em mãos e se tornassem mediadores das memórias coletivas. Não são eles que escolhem quais as memórias que funcionam no presente, nem quando delas se ocupar, mas é a própria atualidade da consciência pública e coletiva no presente que impõe a escolha dos lugares de memória, além da necessidade de tê-los contextualizados pelos historiadores (NORA, 2011).⁴² Estamos diante das primeiras criticidades de uma história pública do tempo presente, cuja agenda é sempre e cada vez mais ditada pelas memórias nacionais e pelas comemorações?⁴³

Hoje, a presença da história e da memória pública digital na rede italiana é ingente. Podemos certamente citar diversos níveis científicos e tipologias de narração, como as histórias privadas ligadas a perfis biográficos familiares (*Trento in Cina*);⁴⁴ a história de Riccione, uma comunidade durante a guerra (*La città invisibile*);⁴⁵ as vídeoentrevistas e as memórias privadas (*Memoro. La banca della Memoria*);⁴⁶ a história e a documentação “científica” oferecidas para recordar a memória da guerra civil (*Ultime lettere di condannati a morte e di deportati della Resistenza italiana*);⁴⁷ a divulgação histórica como história pública digital (*Alcide De Gasperi nella storia d'Europa*);⁴⁸ a tentativa de fazer reviver e de recriar permanentemente o passado

40 William G. Thomas III: “Although they trusted college professors as experts, Americans expressed a strong preference for the direct experience that museums seemed to offer” (COHEN et al., 2008).

41 Rosenzweig fala de ubiquidade como condição do ser “histórico” na rede (ROSENZWEIG, [entre 1998 e 2015]).

42 « L’effet du travail des historiens sur la mémoire française est ... de lui redonner vie, et même de l’arracher à la mort... [C’] est [...], si l’on ose le dire, de refabriquer pour les hommes d’aujourd’hui une mémoire habitable et à la mesure de l’avenir qu’ils ont à dessiner.»

43 Contra as liturgias comemorativas e as memórias nacionais sedimentadas, lança-se o historiador belga Pieter Lagrou (2013).

44 *Trento in Cina*. Disponível em: <<http://www.trentoincina.it>>. Ver Noiret (2002).

45 Ver Galli (2009).

46 *Memoro. La banca della memoria*. Disponível em: <<http://www.memoro.org>>.

47 INSMLI: *Ultime lettere di condannati a morte e di deportati della Resistenza italiana*. Disponível em: <<http://www.italia-liberazione.it/ultimelettere/>>.

48 Istituto Luigi Sturzo: *Alcide De Gasperi nella storia d'Europa*. Disponível em: <<http://www.degasperinet.net/>>.

ainda que distante – medieval e moderno –, rompendo sobre o presente sem possibilidade de futuro, segundo a perspectiva descrita por François Hartog (2012);⁴⁹ a história descoberta nas viagens de hoje feitas para reviver e redescobrir aquelas passadas (*La storia in Viaggio*);⁵⁰ e a construção de espaços identitários baseados nos testemunhos da comunidade (*L'archivio degli Iblei*).⁵¹ Todos esses são somente alguns exemplos das formas de narração presentes na história digital. Ainda que ela própria – entendida como um novo modo de apresentar a história e criar narrativas digitais, interagindo com e para o público – não esteja ainda muito difundida e nem seja particularmente sofisticada (DANNIAU, 2013).

MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Sempre segundo Rosenzweig e Thelen, mas também seguindo as motivações de Pierre Nora ao construir uma memória coletiva francesa em torno dos “lugares da memória pátria”, o trabalho profissional dos historiadores torna-se ainda mais requisitado para filtrar, organizar, interpretar o passado, as memórias individuais e coletivas e as fontes documentárias digitais em geral. O historiador (público) deve se oferecer como intermediário nas atividades do grande público com a história e a memória na rede.⁵² Roy Rosenzweig, que diferentemente de Pierre Nora já se confrontava com a *web* em fins dos anos 1990, inventava assim a *digital public history* – história pública digital. A mediação profissional solicitada pelo diretor prematuramente desaparecido do Centro de História Digital da George Mason de Fairfax, na Virgínia, foi canalizada para a história digital. Esta permitiu recolher as necessidades do campo disciplinar da história e interagir com a cultura popular (SAMUEL, 1996),⁵³ escrevendo capítulos de história “útil” e favorecendo alguns aspectos do passado, que servem hoje para a construção de uma outra forma de “presentismo” e de uso público da história (NOIRET, 2014b).

Nora dista de tal proposta somente porque ainda não concebe a rede como vetor capaz de promover os “lugares de memória” materiais ou de tornar essa mesma rede portadora de novos lugares de memória virtuais a serem interpretados.⁵⁴ Recordando ainda que a França não reconhece a figura profissional do historiador público, Henry Rousso, por exemplo, como historiador do tempo presente, disse não ter sido preparado profissionalmente para se tornar um “*historien public*”, termo usado por Pierre Nora: “*Rien dans mes études ne m'avait préparé à reciter le rôle d'historien public*” (ROUSSO, 2011). Entretanto, é esta exatamente a figura

49 Peter Lagrou diz que uma das características da história do tempo presente nos dias atuais é justo o “presentismo” de Hartog (LAGROU, 2013).

50 *Una storia in viaggio nei luoghi dell'altra resistenza*. Disponível em: <<http://www.unastoriainviaggio.org/>>.

51 Cliomedia Officina: *Archivio degli Iblei*. Disponível em: <<http://www.archiviodegliiblei.it>>.

52 Sobre o papel do pioneiro italiano da *digital public history*, Antonino Criscione, ver o meu ensaio “La ‘galassiafrage’ di Antonino Criscione”, que introduz o livro póstumo em honra do historiador siciliano do INSMMLI, editado por Paolo Ferrari e de Leonardo Rossi (FERRARI; ROSSI, 2006); e também Noiret (2009).

53 E com uma atenção específica em relação às memórias digitais, ver De Groot (2008).

54 Nora escreve a propósito dos lugares de memória materiais e imateriais que concerne aos historiadores interpretar (NORA, 2011).

profissional que descreve Nora, ainda que em sua mente aquele historiador permaneça um historiador profissional que se move na esfera pública das mídias.

A “história” e a memória que a rede mundial de computadores transmite, narradas e interpretadas em parte por quem quer que seja, permitem a reprodução acrítica e descontextualizada da memória individual e comunitária, ou seja, do horizonte “cego” de cada um. Esse localismo abstrato é incapaz de ler a complexidade dos processos históricos e sua globalidade ou de inseri-los naqueles contextos mais amplos citados por Nora.

Um historiador do tempo presente como Peter Lagrou, especialista em memória da Segunda Guerra Mundial na Europa, contrariamente, não põe em foco sua análise sobre as narrativas da rede. Na verdade, ele insinua que os historiadores do tempo presente tenham hoje esquecido aquele posicionamento crítico necessário que sempre se acrescenta ao ofício de historiador, para melhor satisfazer as necessidades memoriais nacionais sedimentadas em função das classes dirigentes. De fato, Lagrou critica abertamente o papel dos historiadores complacentes nos confrontos com a hegemonia cultural ambiental (LAGROU, 2013).

De modo ainda mais drástico, um historiador do nexa entre história e memória, como Philippe Joutard, considera que as formas espontâneas de narração do passado em rede sejam apenas formas memoriais que nada tenham a ver com a epistemologia da história (JOUTARD, 2013). Para remediar a falta de consciência histórica das memórias individuais e coletivas, Joutard⁵⁵ não invoca a importância que, na rede, poderia revestir as mediações memoriais e, conseqüentemente, o papel profissional do *digital public historian*. Lagrou acredita que os historiadores acadêmicos presentes na *polis* tenham abandonado tal papel, seduzidos pelas necessidades culturais contingentes do poder, pelas velhas liturgias nacionais ou distraídos pelos fenômenos da globalização.

O historiador público deve poder fazer mediação com as formas públicas de conhecimento do passado que a rede oferece, contribuindo na primeira pessoa à narrativa do passado em meios virtuais. Construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo crítico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias coletivas embalsamadas – é certamente um papel profissional destinado ao trabalho do “*public historian*”.

Educadores e historiadores públicos têm o dever de interpretar criticamente a narrativa falsamente “objetivante”. E não apenas a narrativa da historiografia celebrativa nacional mencionada acima, mas, sobretudo, aquela virtual e viral mais insidiosa, que promove memórias coletivas alternativas a assim chamada história “oficial”, e retoma – ou inventa por inteiro – novas “legendas nacionais”. Exatamente como acontece com a paródia europeia de Wikipédia, a Metapédia, com suas narrativas nacionalistas, racistas e revisionistas, e a sua vontade de plasmar a “linguagem” pública e acadêmica europeia para descobrir “verdadeiros” passados e memórias coletivas nacionais.⁵⁶

55Philippe Joutard não sublinha, ao contrário, o quanto a presença ativa dos historiadores na rede pode favorecer um salto de qualidade na interpretação das memórias acríticas de cada um (JOUTARD, 2013). Para um aprofundamento do mesmo autor, ver Joutard (2013b).

56 “Metapedia gives us the opportunity to present a more balanced and fair image of the pro-European struggle for the general public as well as for academics, who until now have been dependent on strongly biased and hostile ‘researchers’”. Metapedia Mission. Disponível em: <<http://www.metapedia.org/mission.php>>.

Indagar sobre as tentativas da rede de difundir histórias revisionistas, negações da Shoah ou promoções de memórias coletivas alternativas às dominantes, foi a tarefa de uma análise da rede nacional italiana e de seus conteúdos de história entre 2001 e 2003 (CRISCIONE, 2004). Já naquela época, a procura e a presença de uma história alternativa à história acadêmica e a seus canais de difusão era bastante ampla na rede, como é atualmente a vontade de falar de si, criando novas fontes – orais ou diários⁵⁷ – que não são apenas formas de exibicionismo digital favorecidas pelas mídias sociais globalizadas. Essa presença exuberante do “passado” em rede responde, com a mediação digital, a uma profunda necessidade de reaproximar as memórias individuais, familiares, coletivas e comunitárias do passado local, regional e nacional em nossas sociedades globalizadas,⁵⁸ tema com o qual me defrontei alhures a propósito da ausência de história pública nos “lugares de memória” da guerra civil⁵⁹.

Se as entrevistas da história oral que constituem alguns *corpora* de relatos individuais acerca de um tema objeto de pesquisa possuem uma coerência de projeto – e uma estrutura bem definida e investigada entre entrevistador e entrevistado -, as memórias na rede são frequentemente isoladas, fragmentadas, não reconduzidas a um tema que poderá se beneficiar da atividade interpretativa e crítica do historiador (LUCCHESI, 2014). No máximo, será possível pensar em reagrupá-las em torno a temas comuns, origem geográfica, grupo social ou idade, criando estruturas mais semelhantes a uma “tag-cloud” do que a um projeto historiográfico. É o que propõe na Itália, como em outros continentes, o “banco da memória”, o portal *memoro.org*⁶⁰ com uma série de entrevistas registradas em vídeo e com colaborações de outros projetos similares presentes em nosso território.⁶¹

A propósito das novas formas de mediação cultural, a estudiosa das mídias José van Dijck observa como o digital intervém em nossas memórias pessoais já a partir do surgimento das máquinas digitais – que mudavam o modo pelo qual ela própria via seus arquivos e memórias pessoais. De fato, com os programas digitais, ela mesma se sentia obrigada a classificar, catalogar, selecionar, contextualizar os testemunhos de seu passado, até mesmo em função do ato de comunicá-los a terceiros (Van Dijck, 2007, p. xii). Essa atenção nova e interativa, que o digital assume em confronto com traços “físicos” de nosso passado individual, permitiu o advento de formas de interação inovadoras entre a rede e as memórias individuais e coletivas, criando novas fontes digitais para a história pública e novos contextos nos quais analisá-las.

57 José van Dijck insiste sobre a importância dos diários pessoais (“writing the self”) que povoam os *blogs* da rede, essas novas formas de escrita usadas para comunicar o íntimo, a memória individual, esses “*big data*” que cada um mete na rede e que testemunham profundas transformações culturais favorecidas pelos meios digitais (VAN DIJCK, 2007); sobre estas temáticas, ver Zelis (2005, 2013).

58 Ver Garde-Hansen, Hoskins e Reading (2009) e Marshall (2011).

59 Para uma história pública e seu confronto com as memórias coletivas nos mesmos lugares da guerra civil italiana, não apenas nos lugares virtuais, ver Noiret (2013).

60 *Memoro. La banca della memoria*. Disponível em: <<http://www.memoro.org>>.

61 Testemunhos recolhidos no quadro do projeto *Tra Monti. Itinerari tra generazioni lungo i crinali della Val di Vara*. Disponível em: <<http://www.tramontivaldivara.it/testimonianze>>.

LOCAL, GLOBAL, GLOCAL

A *public history* beneficiou-se enormemente do impacto do digital nas atividades tradicionais que envolvem públicos, mesmo sem ser acadêmicos. Por isso, é possível afirmar que a história digital hoje, na ausência da presença dos historiadores acadêmicos, é, sobretudo, uma *história pública* que envolve o trabalho e a mediação dos historiadores públicos digitais e dos historiadores especialistas em comunicação multimídia que não usam aquele nome. Além do mais, nessa disciplina – que surge das formas de validação e das linguagens da história praticada nos laboratórios acadêmicos (formas diversas de escrita, diversificação da multimídia das fontes, surgimento de novas fontes, novos processos comunicativos para narrar a história) –, o impacto do digital não aboliu as práticas convencionais e não as separou daquelas em rede. As práticas, os diferentes profissionais, as linguagens e os públicos da história pública tradicional beneficiaram-se enormemente da conexão em rede para modificar as práticas de comunicação dirigidas a públicos diversos. A passagem à era digital apenas inseriu outras dimensões para aperfeiçoar a tarefa específica da *public history*, qual seja, a de interpretar o passado de comunidades específicas e de comunicar a história e as memórias coletivas por todos os meios e as mídias à disposição.

O conhecimento de humanidades digitais, da história digital, e de suas potencialidades, é parte integrante das novas formações necessárias dos programas de história pública, onde existem, sobretudo, nos países anglo-saxônicos. Essas são formas naturais e complementares de outras formações para a gestão das fontes ou a interpretação dos objetos nos museus – setor em pleno desenvolvimento, o das mostras e dos percursos em museus por meio da rede, que requer a autoridade profissional dos historiadores públicos digitais. Mais do que em outras disciplinas, a *web* e o digital reforçaram, no campo da história pública, práticas profissionais já consolidadas, expandindo-as ou abrindo-as para outros públicos, com novos instrumentos de difusão e de comunicação de conteúdos na era digital.⁶² A virada digital e a rede foram as primeiras a abrir, e logo a responder, às necessidades prementes da sociedade de proteger as identidades, a cultura e as memórias coletivas locais e promovê-las globalmente. Desse modo, a história digital com frequência se tornou também vetor de conhecimento “glocal”. Os fenômenos de globalização atingem assim as identidades locais para as quais as formas tradicionais de narração da história não alcançam um público global. Graças à história digital, com a versatilidade da rede e das tecnologias digitais que permitem promover globalmente um passado comunitário local, a história pública nacional alcança diversos tipos de públicos internacionalmente.

Vimos como os indivíduos e suas comunidades se envolvem diretamente no registro de sua história, fornecendo memórias e testemunhos individuais para uma construção de arquivos da memória coletiva e percursos de história oral. Com a rede, indivíduos, comunidade, grupos de trabalho, podem criar espaços de história e fazê-los viver em sintonia com comunidades específicas, promovendo-os globalmente e

62 Por exemplo, o CMS Omeka disponibilizou na *web* percursos virtuais a museus e, ainda, mostras interativas com a gestão das coleções multimídia. Omeka [Disponível em: <<http://omeka.org>>.] ou, na Itália, acesso ao “kit open source per la realizzazione di mostre virtuali online”, realizado entre a Telecom Italia e o ICCU, MOVIO (*Mostre Virtuali Online*) [Disponível em:<<http://www.movio.beniculturali.it>>].

envolvendo no campo internacional os membros dispersos das mesmas comunidades com um público potencialmente universal⁶³.

Usa-se hoje a *web* para suprir a ausência de uma comunidade física presente in loco ou para coletar as memórias e os testemunhos destas comunidades dispersas no tempo e no espaço.⁶⁴ De fato, o digital permite superar as barreiras espaçotemporais para conectar públicos e interlocutores “semelhantes”, favorecendo assim o transnacional, o global e a comparação das diversas – ainda que similares – realidades locais.⁶⁵

Uma das maiores utilidades da história pública digital é a capacidade de comunicar, descrever, interpretar e mostrar, com métodos similares, as experiências históricas locais como experiências globais. A “história pública digital” assume como pressuposto metodológico que a história local possa se tornar parte integrante da reflexão acerca dos processos de globalização e de uma comparação de âmbito planetário do que é local, dimensão íntima e mais próxima que interessa, seja onde for, ao público. Através de uma comparação de casos locais em sua dimensão pública e global, a história digital permite depurar alguns conceitos universais da *world history*, como os de *genocídio* ou de *ditadura*.⁶⁶ Do que é local se passa às experiências e às memórias de outras comunidades locais em outros continentes. Criando novos espaços interpretativos e narrativos graças às novas práticas da história pública digital em âmbito mundial, o *glocal* – neologismo da globalização (ROBERTSON, 1995) – ilumina a dimensão espaçotemporal daquela que chamamos internacional public history.

TECNOLOGIAS DIGITAIS PÚBLICAS

A explosão das barreiras espaçotemporais e locais/globais na interpretação do passado, certamente caracteriza a história pública digital – *digital public history* –, que permite depurar experiências e memórias de coletividades e indivíduos no mundo inteiro. Esse é o caso dos testemunhos de mães no Sri Lanka, que, apoiadas pelas mídias sociais e pela publicação dos arquivos digitais de história oral, sensibilizaram um público internacional. O projeto digital suscitou, assim, a criação de uma mostra em Toronto, no Canadá, durante a qual os visitantes puderam se expressar. Seus testemunhos realçaram o valor global do projeto do Sri Lanka.⁶⁷

É possível pensar, por exemplo, como o *site* do Yad Vashem permite conectar as vítimas do Holocausto e suas memórias com os lugares onde os familiares vivem

63 Ver Miccoli (2013a, 2013b).

64 A comunidade “confederada” de Americana no Brasil, atualmente restabeleceu sua ligação com o Sul dos Estados Unidos depois da diáspora de 1866 em direção ao Brasil, seguida à queda da Confederação e a manutenção, pelo menos até a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, do sistema de exploração dos escravos para o cultivo do algodão.

65 Leslie Wirtz compara dois museus locais de *world history*, o Lwandle Migrant Labour Museum, na África do Sul, próximo à Cidade do Cabo; e o Berman Museum in World History, em Anniston, Alabama, nos Estados Unidos, e os seus “local-global interconnections” (WIRTZ, 2012, p. 107-108).

66 International Coalition of Sites of Conscience. Disponível em: <<http://www.sitesofconscience.org/>>.

67 Um exemplo do valor universal da história pública digital é fornecido pela história oral das mães do Sri Lanka – *Herstories* [Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/about-us/>>], objeto de uma mostra em Ottawa, no Canadá, em 2014, com a publicação dos comentários canadenses no *site* da mostra virtual [Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/feedback/toronto-canada-26th-may-1st-june-2014/>>].

atualmente.⁶⁸ Nos Estados Unidos, a comunidade nacional abraçou a primeira grande tarefa de história pública digital: o arquivo September 11 do RRCHNM na Virgínia – Roy Rosenzweig Center for History and New Media. Esse grande arquivo digital foi aberto aos depoimentos de pessoas do mundo inteiro e oferece as memórias, a história e as fontes daquilo que aconteceu, além de sua interpretação. Mais ainda – e este aspecto tem a sua importância inovadora em um arquivo digital –, o *site* da *web* September 11 mostra como foi vivido o atentado às Torres Gêmeas internacionalmente, ao vivo ou em vídeo, promovendo o local na dimensão informada de uma experiência global.⁶⁹ O museu da memória do atentado, o National September 11 Memorial & Museum,⁷⁰ proporciona a interatividade por meio do apoio de seus percursos nas mídias sociais, buscando a integração das fontes disponíveis no museu com outros depoimentos, também *online*, para fomentar a pesquisa e o ensino, e valorizar seus conteúdos globalmente.

A possibilidade oferecida aos visitantes de traduzir os conteúdos do *site* em várias línguas realça a atenção global dada ao evento, uma atenção rara nos *sites* dos museus americanos e nos percursos digitais de história naquele país: o inglês costuma ser a única língua disponível. Uma aplicação para iPhone – também esta em diversas línguas – completa as mostras e os percursos dos museus,⁷¹ com diversos testemunhos a respeito do que ocorreu em 11 de setembro de 2001 no “Lower Manhattan”, e com percursos interativos locais disponíveis para melhorar a experiência dos visitantes. Uma pesquisa demonstrou o quanto esse percurso interativo tridimensional é efetivamente útil e utilizado nas visitas locais, que acrescenta os depoimentos de história oral disponíveis também ao *site* do memorial, além das salas do museu físico.⁷²

A tecnologia das aplicações digitais para *smartphones*, dirigida principalmente ao fornecimento de percursos históricos por meio da geolocalização do visitante no panorama urbano, hoje em dia é constantemente utilizada.⁷³ Recompôr globalmente as comunidades dispersas ou dizimadas por uma diáspora em torno de um passado comum ou reconstruir percursos memoriais com o digital – representativo da história globalizada do século XXI como o September 11 – enriquecem universalmente as

68 The Central Database of Shoah Victims' Names in *Yad Vashem*. World Center for Holocaust Research, Documentation, Education and Commemoration. Disponível em: <<http://db.yadvashem.org/names/search.html?language=en>>.

69 September 11 Digital Archive. [Disponível em: <<http://911digitalarchive.org/>>]. Um capítulo sobre a constituição do arquivo de história pública digital, conservado também na Biblioteca do Congresso em Washington, foi acrescentado à segunda edição do manual de história pública de Gardner e Lapaglia em 2006, sublinhando pela primeira vez a relevância para a *public history* da *digital public history* (SPARROW, 2006).

70 National September 11 Memorial & Museum. Disponível em: <<http://www.911memorial.org>>.

71 9/11 Museum Audio Guide. Disponível em: <<http://www.911memorial.org/blog/iphone-app-allows-users-explore-911>>].

72 Uma pesquisa baseada em uma amostra dos visitantes comprovou o enorme sucesso da tecnologia disponível para os celulares inteligentes de última geração na transmissão da memória do ocorrido e no aprofundamento da imersão do público no passado (COCCILO, 2014).

73 Nos Estados Unidos, o Curatescape desenvolvido por Mark Tebeau em Cleveland [Disponível em: <<http://curatescape.org>>] – e agora em muitas outras cidades – foi pioneiro nessa nova dimensão do acesso individual aos conteúdos virtuais de história pública digital. O Curatescape é formado por uma série de aplicações para *smartphones* que fazem da história urbana um percurso narrativo virtual e público.

experiências de história pública praticadas pelos museus históricos “analógicos”. Mostras e percursos “físicos” são, assim, promovidos, integrados, explicitados no digital. Seus objetos e conteúdos podem ainda ser visualizados em formatos tridimensionais e tornados acessíveis a públicos provenientes do mundo inteiro, graças ao uso da língua inglesa como passaporte do conhecimento global e, sobretudo, ao uso das tecnologias da comunicação digital. Estas oferecem realidades ampliadas e transferência de conhecimento,⁷⁴ compartilhamento de experiências memoriais, narrações históricas interpretativas dos objetos e dos lugares físicos.

A interatividade com o passado e seus públicos é difundida graças à rede global das novas mídias digitais e das redes sociais. O diário florentino de Susan Horner, escrito nos anos 1861-1862 durante uma visita de oito meses a Florença, e conservado no arquivo do British Institute da cidade, vive globalmente em nossos *smartphones* em uma aplicação que oferece percursos culturais para ler a cidade com os olhos dessa jovem burguesa vitoriana, interessada na Itália unificada do século XIX, transmitindo ainda as emoções e as curiosidades.⁷⁵ Assistimos, aqui, a um claro efeito de transposição do passado no presente.

O mundo multiforme do acesso livre ao conhecimento por meios digitais (*open access*), apoiado nas mídias sociais e nas aplicações para celulares, permitiu compartilhar globalmente – e reviver no presente – a história em público. Alcançar universalmente diversos indivíduos e grupos, e compartilhar as experiências históricas do passado, nunca foi tão fácil e à disposição de quem quer que seja.

A criação de uma enciclopédia livre e aberta como a Wikipédia e, depois, com a coleta de documentos em todos os formatos, com a Wikimédia, havia posto em movimento, em 2001, as diversas possibilidades de uma história pública digital participativa. Atualmente, a autoridade científica oferecida pelos historiadores públicos aos museus, arquivos e bibliotecas, estendida à rede com uma oferta de percursos multimidiáticos, enriqueceu de forma notável a experiência museal, interagindo com ela e colhendo a participação direta do público. O percurso empreendido por Jimmy Wales com a Wikipédia foi apoiado por instituições culturais do mundo inteiro, que oferecem conteúdos históricos importantes, com conhecimentos reconhecidamente certificados, dentro dos percursos científicos da história pública digital.

O público canadense pode assim se emocionar diante dos depoimentos orais e das fotografias das mães do Sri Lanka, e o público desse país asiático, depois de décadas de guerra civil, é por sua vez, informado do interesse canadense por *Herstories*,⁷⁶ suas histórias, um *site da web* que universaliza a história de uma longa guerra civil, tornando-a um episódio *global* da história da humanidade.

74 Cito aqui o exemplo do 500º aniversário de *O príncipe*, escrito por Maquiavel, e que se beneficia de atividades de *digital public history* que sugerem ao público percursos locais para avaliar desse modo o patrimônio secular. Ver o projeto San Casciano Smart Place. I Fantasmí del Principe, realizado entre 2012 e 2014 pelo Communication Strategies Lab, dirigido por Luca Toschi na Universidade de Florença [Disponível em: <<http://www.csl.unifi.it/progetti/san-casciano-smart-place/>>].

75 Aplicação para iPhone, Susan’s Horner Florence [Disponível em: <<https://itunes.apple.com/us/app/susan-horners-florence/id787766904?mt=8>>]. Baseada na “Horner Collection” do British Institute of Florence [Disponível em: <<http://www.britishinstitute.it/en/archive/horner-collection.asp>>].

76 Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/about-us/>>.

REFERÊNCIAS

ASHTON, Paul; HAMILTON, Paula. *History at the crossroad: Australians and the past*. Ultimo, NSW: Halstead Press, 2010.

BORGES, Jose L. La biblioteca de Babel. In: _____. *Ficciones*. Madrid: Alianza, 1971.

BOYD, Danah; CRAWFORD, Kate. Critical questions for big data. *Information, Communication & Society*, n. 15, p.662-679, maio 2012.

CASTELLS, Manuel. *The internet galaxy: reflections on the internet, business, and society*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. *La nascita della società in rete*. Milano: Università Bocconi, 2002.

CAUSER, Tim; TERRAS, Melissa. "Many hands make light work. Many hands together make merry work": transcribe Bentham and crowdsourcing manuscript collections. In: RIDGE, Mia (Ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Farnham: Ashgate, 2014. p. 57-88.

CLAVERT, Frederic ; NOIRET, Serge. (Ed.) *L'histoire contemporaine à l'ère numérique: Contemporary history in the digital age*. Bruxelles: Peter Lang, 2013.

COCCILO, Anthony. Mobile technology, oral history and the 9/11 Memorial: a study of digitally augmented remembrance. *Preservation, Digital Technology & Culture*, v. 43, n.3, p. 86-99, Jul. 2014.

COHEN, Daniel J. et al. Interchange: the promise of digital history. *The Journal of American History*, v. 95, n. 2, p.452-91, Sept. 2008. Disponível em: <<http://www.journalofamericanhistory.org/issues/952/interchange/index.html>>.

_____. Collecting history online. In: ROSENZWEIG, Roy. *Clio wired: the future of the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011.

COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. *Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

CRAWFORD, Kate. Think again: big data. Why the rise of machines isn't all it's cracked up to be. *Foreign Policy*, 10 maio 2013. Disponível em: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2013/05/09/think_again_big_data#sthash.7vCEuA2r.dpuf>. Acesso em: 8 maio 2015.

CRISCIONE, Antonino et al. (Ed.). *La storia a(l) tempo di internet: indagine sui siti italiani di storia contemporanea, (2001-2003)*. Bologna: Pàtron Editore, 2004.

DACOS, Marin. Manifesto delle digital humanities. *THATCamp*. 26 marzo 2011. Disponível em <<http://tcp.hypotheses.org/482>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

DACOS, Marin; MOUNIER, Pierre: *Humanités numériques: état des lieux et positionnement de la recherche française dans le contexte international*. Marseilles : OpenEditions: Institut Français, 2014. p. 29-36. Disponível em: <http://issuu.com/institut_francais/docs/if_humanites-numeriques/1?e=10421545/7080989>.

DANNIAU, Fien. Public history in a digital context. Back to the future or back to basics? *BMGN – Low Countries Review*, v.128, n.4, p.118-144, 2013. Disponível em: <<http://www.bmgn-lchr.nl/index.php/bmgn/article/view/9355>>.

DEÁK, Éva. Study, store and share unpublished primary sources: the example of the Parallel Archive. In: CLAVERT, Frederic ; NOIRET, Serge. (Ed.) *L’histoire contemporaine à l’ère numérique: Contemporary history in the digital age*. Bruxelles: Peter Lang, 2013.

DE GROOTE, Jerome: *Consuming history: historians and heritage in contemporary popular culture*. Hoboken: Taylor & Francis, 2008.

EIJNATTEN, Joris van; PIETERS, Toine; VERHEUL, Jaap. Big data for global history: the transformative promise of digital humanities. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v.128, n. 4, p.55-77, 2013. Disponível: <<http://www.bmgn-lchr.nl/index.php/bmgn/article/view/URN%3ANBN%3ANL%3AUI%3A10-1-110023>>.

FAVERO, Claudia. Digital historians in Italy and the United Kingdom: perspectives and approaches. In.: MILLS, Clare; PIDD, Michael; WARD, Esther. (Ed.). *Proceedings of the Digital Humanities Congress 2012*. Sheffield: HRI Online Publications, 2014. Disponível em: <<http://www.hrionline.ac.uk/openbook/chapter/dhc2012-favero>>.

FICKERS, Andreas. Towards a new digital historicism? Doing history in the age of abundance. In: FICKERS, Andreas; DE LEEUW, Sonja. (Ed.). *Making sense of digital sources. Journal of European History and Culture*, v.1, n.1, p. 12-18, 2012.

GALGANO, Michael J.; ARNDT J. Chris; HYSER, Raymond M. *Doing history: research and writing in the digital age*. 2. ed. Boston: Wadsworth: Cengage Learning, 2013.

GALLI, Fabio Glauco. “La città invisibile”. Segni, storie e memorie di pace, pane e guerra. *Memoria e Ricerca*, n. 32, p.167, sett./dic. 2009. Disponível em: <<http://www.lacittainvisibile.it/>>.

GOLD, Matthew K. *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna (Ed.). *Save as... digital memories*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

GRAFTON, Anthony. [Comentário gravado em vídeo]. Washington, 2014. Congresso Anual da American Historical Association. Disponível em <<http://youtu.be/FCCm2mGz9po>>.

GRANDI, Elisa; PACI, Deborah; RUIZ, Émilien (Org.). Digital history: la storia nell’era dell’accesso. *Diacronie: studi di storia contemporanea*, n.10, giugno 2012.

HABER, Peter. *Digital past: Geschichtswissenschaft im digitalen Zeitalter*. München: Oldenbourg Verlag, 2011.

HARTOG, François. *Régimes d’historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2012.

HUGHES, Lorna. Conclusion: virtual representations of the past – new research methods, tools and communities of practice. In: GREENGRASS, Mark; HUGHES, Lorna. (Ed.). *The virtual representation of the past*. Farnham: Ashgate, 2008.

JOUTARD, Philippe. Révolution numérique et rapport au passé. *Le Débat*, Paris : Gallimard, n. 177, p.145-152, nov./dez. 2013. Dossier La Culture du Passé (Editado por Pierre Nora).

_____. *Histoires et mémoires: conflits et alliances*. Paris: La Découverte, 2013b.

LAGROU, Pieter. De l'histoire du temps présent à l'histoire des autres: comment une discipline critique devint complaisante. *Vingtième Siècle*, n. 118, p.101-119, abr./jun. 2013.

LAMASSÉ, Stéphane; RYGIEL, Philippe. Nouvelles frontières de l'historien. *Revue Sciences/Lettres*, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://rsl.revues.org/411>>; <DOI: 10.4000/rsl.411>.

LASCARIDES, Michael; VERSHBOW, Ben. What's on the menu? Crowdsourcing at the New York Public Library. In: RIDGE, Mia (Ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Farnham: Ashgate, 2014.

LETOURNEAU, Jocelyn. *Canadians and their pasts*. Toronto: University of Toronto Press, 2013.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da Academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 39-69, 2014. Dossiê História Oral e História do Tempo Presente. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php>>.

MARSHALL, Catherine C. Challenges and opportunities for personal digital archiving. In: LEE, Christopher A. (Ed.). *I, digital: personal collections in the digital era*. Chicago: Society of American Archivists, 2011. p. 90-114.

MAYER-SCHÖNBERGER, Victor; CUKIER, Kenneth. *Big data: a revolution that will transform how we live, work, and think*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MCCARTY, Willard. *Humanities computing*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MINUTI, Rolando. *Internet et le métier d'historien: réflexions sur les incertitudes d'une mutation*. Paris: PUF, 2002.

MERINGOLO, Denise D. *Museums, monuments, and national parks: toward a new genealogy of public history*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2012.

MICCOLI, Dario. Oltre l'archivio? Storie e memorie degli ebrei egiziani in internet. *Memoria e Ricerca*, n. 42, p.189, 2013a.

_____. Digital museums: narrating and preserving the history of Egyptian Jews on the internet. In: SEMI, Emanuela Trevisan; MICCOLI, Dario; PARFITT, Tudor (Ed.). *Memory and ethnicity: ethnic museums in Israel and the Diaspora*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2013b. p.195-222.

MONINA, Giancarlo. Storia digitale: il dibattito storiografico in Italia. *Memoria e Ricerca*, n.43, p.185-202, magg./ag. 2013.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *What's on the menu?* Disponível em: <<http://menus.nypl.org/>>.

NOIRET, Serge. Il sito Trentoincina [www.trentoincina.it]: ovvero come e perché si crea un sito storico in rete se non si è del mestiere. *Memoria e Ricerca*, n. 10, p.125, 2002.

_____. La "galassiafrage" di Antonino Criscione. In: FERRARI, Paolo; ROSSI, Leonardo. *Antonino Criscione: web e storia contemporanea*. Roma: Carocci, 2006. p.9-21.

_____. "Public history" e "storia pubblica" nella rete. *Ricerche Storiche*, ano 39, n. 2-3, p. 275-327, magg./dic. 2009.

_____. Storia digitale: sulle risorse di rete per gli storici. In: PERILLI, L.; FIORMONTE, D. (Org.). *La macchina nel tempo: studi di informatica umanistica in onore di Tito Orlandi*. Firenze: Le Lettere, 2011a. p. 201-258.

_____. La “public history”: una disciplina fantasma? *Memoria e Ricerca*, n. 37, p.10-35, 2011b. Dossî Public History. Pratiche Nazionali e Identità Globale (Editado por Serge Noiret).

_____. La digital history: histoire et mémoire à la portée de tous. In: MOUNIER, Pierre (Org.). *Une introduction aux humanités numériques*. Marseille: OpenEdition Press, 2012.

Disponível em <<http://press.openedition.org/258>>. Acesso em 20 mar. 2015.

_____. Il ruolo della public history nei luoghi della Guerra Civile Italiana, 1943-1945. *Ricerche Storiche*, ano 43, n. 2, p.315-338, maio/ago. 2013.

_____. Internationalizing public history. *Public History Weekly*, v. 2, n. 34, Sept. 2014(a). Disponível em: <DOI: [dx.doi.org/10.1515/phw-2014-2647](https://doi.org/10.1515/phw-2014-2647)>.

_____. Public history as “useful history” before voting for Europe, May 22-25, 2014. *Digital & Public History*, May 19 2014(b). Disponível em: <<http://dph.hypotheses.org/380>>.

NORA, Pierre. *Historien public*. Paris: Gallimard, 2011.

NUMERICO, Teresa; VESPIGNANI, Arturo (Org.). *Informatica per le scienze umanistiche*. Bologna: Mulino, 2003.

ORLANDI, Tito. *Informatica umanistica*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1990.

PECCATTE, Patrick. Une plate-forme collaborative pour la redocumentarisation d’un fonds photographique historique. In: CLAVERT, Frederic; NOIRET, Serge. (Ed.). *L’histoire contemporaine à l’ère numérique: Contemporary history in the digital age*. Bruxelles: Peter Lang, 2013.

PECCATTE, Patrick; LE QUERREC, Michel (Ed.). *PhotosNormandie*. 2007. Disponível em: <<https://www.flickr.com/people/photosnormandie>>.

PONS, Anaclet. *El desorden digital: guía para historiadores y humanistas*. Madrid: Siglo XXI, 2013.

PATEL, Kiran Klaus. La scienza al tempo di Wikileaks: riflessioni sulla storia contemporanea nel ventunesimo secolo. *Memoria e Ricerca*, n. 37, p.155-171, 2011.

ROBERTSON, Stephen. The differences between digital history and digital humanities. 23 de maio de 2014. Disponível em <<http://drstephenrobertson.com/blog-post/the-differences-between-digital-history-and-digital-humanities/>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

ROLLASON, C. Borges’ “Library of Babel” and the internet. *IJOWLAC – Indian Journal of World Literature and Culture*, v. 1.1 p.117-120, Jan.-Jun. 2004.

RONCAGLIA, Gino. Informatica umanistica: le ragioni di una disciplina. *Intersezioni*, n. 3, p. 353-376, 2002. Disponível em <http://www.merzweb.com/testi/saggi/informatica_umanistica.htm>. Acesso em: 3 fev. 2015.

ROSENZWEIG, Roy. *Clio Wired: the future of the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011.

_____. The road to Xanadu: public and private pathways on the history web. In: _____. *Clio wired: the future of the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011. p. 203-235. Disponível: <<http://chnm.gmu.edu/essays-on-history-new-media/essays/?essayid=9>>.

_____. Everyone a historian. *Afterthoughts: Roy Rosenzweig*. [entre 1998 e 2015]. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/survey/afterroy.html>>. Suplemento online a *The presence of the past*.

ROSENZWEIG, Roy; THELEN, David. *The presence of the past: popular uses of history in American life*. New York: Columbia University Press, 1998.

RUTNER, Jennifer ; SCHONFELD, Roger C. *Supporting the changing research practices of historians: final report from ITHAKA S+R*. December 10, 2012. Disponível em: <<http://www.sr.ithaka.org/news/understanding-historians-today-%E2%80%94-new-ithaka-sr-report>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

RYGIEL, Philippe. L'inchiesta storica in epoca digitale. *Memoria e Ricerca*, n.35, p.185-197, 2010.

SAMUEL, Raphael. *Theatres of Memory: past and present in contemporary culture*. London: Verso, 1996.

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Ed.). *A companion to digital humanities*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companion/>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

SPARROW, James T. *Public history on the web: The September 11 Digital Archive*. In: GARDNER, James B.; LAPAGLIA, Peter S. (Ed.). *Public history: essays from the field*. Malabar, FL: Krieger Pub. Co., 2006. p. 397-416.

STALEY, David J. *Computers, visualization, and history: how new technology will transform our understanding of the past*. Armonk: M. E. Sharpe, 2013.

TERRAS, Melissa. *Crowdsourcing manuscript material*. 2 de março de 2010. Disponível em: <<http://melissaterras.blogspot.it/2010/03/crowdsourcing-manuscript-material.html>>.

TERRAS, Melissa; NYHAN, Julianne; VANHOUTTE, Edward. *Defining digital humanities: a reader*. London: Ashgate, 2013.

UNIVERSITY COLLEGE LONDON. *Transcribe Bentham: a participatory initiative*. London, Sept. 2010. Disponível em: <<http://blogs.ucl.ac.uk/transcribe-bentham/>>.

VAN DIJCK, José. *Mediated memories in the digital age*. Stanford: Stanford University Press, 2007. p. 53-76.

WARWICK, Clare. *Digital humanities in practice*. London: Facet Publishing, 2012.

WELLER, Toni. *History in the digital age*. London: Routledge, 2012.

WIEVIORKA, Michel. *L'impératif numérique*. Paris: Editions du CNRS, 2013

WIKIPEDIA. *Crowdsourcing*. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia, 2015. Disponível em: <<http://it.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>>.

WIRTZ, Leslie. *Meetings of world history and public history*. In: NORTHROP, Douglas Taylor (Ed.). *A companion to world history*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. p. 97-110.

ZAGSMA, Gerben. On digital history. *BMGN – Low Countries Historical Review*, v. 128, n. 4, dez. 2013. Disponível em <<http://www.bmgn->

lchr.nl/index.php/bmgn/article/view/URN%3ANBN%3ANL%3AUI%3A10-1-110020>.
Acesso em: 19 mar. 2015.

ZELIS, Guy. *L'historien dans l'espace public: l'histoire face a la mémoire, à la justice et au politique*. Loverval : Labor, 2005.

_____. Vers une histoire publique. *Le Débat*, n.117, p.153-162, nov.-dez.2013.